

Cinquenta anos de Gaviões da Fiel sob a ótica da Psicologia Social

Fifty Years of Fiel Gaviões from the Perspective of Social Psychology

Lurdes Perez Oberg

Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes/RJ, Brasil
Doutora em Psicologia, PUC-Rio
lurdes.oberg@gmail.com

Marcello Alves da Silva Aguilera

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, Brasil
Mestrando em Psicologia, UFES

RESUMO: Este artigo visa compreender novas formas de perceber as torcidas organizadas, dando destaque aos Gaviões da Fiel, durante seus cinquenta anos de história, sob a ótica da Psicologia Social. Num primeiro momento, a partir de uma concepção crítica sobre as massas, apresentam-se perspectivas que destacam o controle, como Le Bon, e possibilidades de resistência através de autores como Baudrillard e Canetti. Já num segundo momento, faz-se uma breve discussão sobre reivindicações políticas, potências e atravessamentos plurais da torcida organizada dos Gaviões da Fiel, dando visibilidade a tais aspectos através de uma metodologia exploratória. Conclui-se que é extremamente importante uma mudança no modo como a sociedade e as autoridades públicas lidam com as torcidas organizadas, tendo em vista que atualmente a manifestação coletiva na arquibancada esbarra em inúmeras proibições por parte do poder público.

PALAVRAS-CHAVE: Torcidas Organizadas; Psicologia Social; Autoridades Públicas.

ABSTRACT: This article aims to understand new ways of perceiving organized fans, highlighting Gaviões da Fiel, during its fifty years of history, from the perspective of Social Psychology. At first, from a critical conception of the masses, perspectives are presented that highlight control such as Le Bon and possibilities of resistance through authors such as Baudrillard and Canetti. In a second moment, there is a brief discussion about political demands, powers and plural crossings of the organized fans of Gaviões da Fiel, giving visibility to such aspects through an exploratory methodology. It is concluded that a change in the way in which society and public authorities deal with organized fans is extremely important, considering that currently the collective demonstration in the stands comes up against numerous prohibitions by the government.

KEYWORDS: Organized Fans; Social Psychology; Public Authorities.

INTRODUÇÃO

É raro o torcedor que diz: “Meu time joga hoje”. Sempre diz: “Nós jogamos hoje”. Este jogador número doze sabe muito bem que é ele quem sopra os ventos de fervor que empurram a bola quando ela dorme, do mesmo jeito que os outros onze jogadores sabem que jogar sem torcida é como dançar sem música.¹

Por força das circunstâncias, o poema acima, de Eduardo Galeano,² “O torcedor”, nos convoca a refletir sobre a força do coletivo no momento pandêmico em que vivemos. A torcida vivida por muitos brasileiros na aposta de uma vacinação em massa é atravessada por interesses políticos e econômicos, num contexto de uma crescente individualização do social.

Neste artigo, entende-se a relevância do poema do jornalista uruguaio frente às resistências e contradições que estão presentes no enlace das torcidas organizadas. Porém, esse enlace é tecido numa conjuntura em que aspectos econômicos, sociais e políticos prevalecem sobre a potência do “Nós jogamos hoje”.

Este estudo tem o intuito de buscar caminhos para novos posicionamentos diante das torcidas organizadas, tendo como enfoque os Gaviões da Fiel, que completaram cinquenta anos em 2019. Esse tema pode ser disparador de ações participativas no futebol e em outras modalidades esportivas, seus respectivos grêmios associativos e coletivos presentes nesses contextos em clubes, escolas, universidades etc. Nessa direção, com o respaldo da Psicologia Social, contribui para uma perspectiva emancipatória, na qual os sujeitos possam fazer diversos elos entre tais experiências e outras atividades de cunho democrático na sociedade.

Assim, esses grupos nomeados como torcidas organizadas nascem na década de sessenta e, no começo dos anos setenta, eclodem como uma resposta em relação à repressão vivida na Ditadura Militar. Observa-se, nesse período histórico, um repúdio por parte dos modos dominantes de poder em relação aos movimentos sociais e de massa. Nesses tempos, havia justificativas existentes de uma posição de

¹ GALEANO. *Futebol ao sol e à sombra*, p. 20.

² GALEANO. *Futebol ao sol e à sombra*, p. 20.

“irracionalidade” das massas presentes na forma de perceber esses movimentos e outras formas de coletivismo.

Além disso, presta-se atenção nestes estudos nos riscos de homogeneização impostos pela lógica capitalista e que acabam por impedir que tais movimentos possam produzir modos de subjetividades originais, processos de singularização subjetiva e uma multiplicidade de vozes heterogêneas que podem afirmar outras maneiras de ser, outras sensibilidades etc.³

Sobre os Gaviões da Fiel, Toro⁴ diz que estes surgiram ao buscar cobrar uma tomada de posição mais firme da diretoria do clube Corinthians diante da chamada “situação de seca de títulos” que o time vivia, no período entre 1954 e 1977. Tem-se ainda o conhecimento de que, depois de um jogo no Morumbi, no dia 12 de julho de 1969, em que o time do Corinthians estava mais uma vez fora da disputa do título, nasceram os Gaviões da Fiel.⁵ Sendo assim, entende-se que, a princípio, essa organização emerge com um caráter de reivindicação de direitos no contexto do futebol e de enfrentamento por um espaço político dentro da sociedade.

Diante disso, ressaltamos que as torcidas organizadas não se restringem às ditas confusões, conforme se percebe por diversos espaços do senso comum e por muitas autoridades públicas. Assim, diferentemente dessa visão de que as torcidas provocam apenas tumultos, fazem parte delas as festividades que envolvem os jogos de futebol.

Entretanto, como qualquer torcida organizada no Brasil, a estigmatização faz com que essas agremiações sejam lembradas pelas brigas entre os integrantes das torcidas, com uma parcela da mídia fomentando um sensacionalismo que carimba o preconceito contra os torcedores organizados. Porém, os autores deste trabalho alertam para um cuidado em não generalizar a mídia em todos os seus posicionamentos e justificam a importância em dar visibilidade às fontes dos meios de comunicação que tentam desnaturalizar aspectos normatizados, preconceituosos do cotidiano e que

³ GUATTARI; ROLNIK. *Micropolítica: cartografias do desejo*, p. 45.

⁴ TORO. *O espectador como espetáculo: notícias das torcidas organizadas na Folha de São Paulo*, p. 22.

⁵ DIAFÉRIA. *Coração Corinthiano: grandes clubes do Futebol Brasileiro e seus maiores ídolos*, p. 314.

estão embasadas em questões históricas e políticas que contribuam para o desvelar das situações instituídas do tecido social.

Assim, seus autores tentam dar visibilidade às forças de resistências das torcidas organizadas num contexto de crescente individualização da sociedade capitalista, tendo em vista as possibilidades de serem cooptadas pelas forças dominantes.

Nessa direção, à luz da Psicologia Social numa concepção crítica sobre as massas, apresentamos perspectivas que destacam o controle a partir dos estudos de Le Bon⁶ e possibilidades de resistência através dos sociólogos Baudrillard⁷ e Canetti.⁸ Posteriormente, temos a intenção de debater as torcidas organizadas dos Gaviões da Fiel e as suas forças existentes que lutam por uma sociedade democrática.

A PSICOLOGIA SOCIAL: POR UMA PERSPECTIVA CRÍTICA DAS MASSAS (ENTRE O CONTROLE E A RESISTÊNCIA)

Diante do exposto, almeja-se ressaltar as contribuições da Psicologia Social que possam reforçar visões emancipatórias das torcidas organizadas, tendo como foco os Gaviões da Fiel.

O nascimento da Psicologia Social no fim do século XX é marcado pelo positivismo nos Estados Unidos. Discute-se que, a partir dos anos setenta, com o posicionamento dos psicólogos(os) latino-americanas(os), foram iniciados os questionamentos acerca da compreensão de que aquela realidade retratada pelos norte-americanos não condizia com a realidade da opressão da população dos países da América Latina.⁹

Essa psicologia americana segue o fluxo da modernidade e enfatiza os pequenos grupos como dispositivos necessários para incrementar modos de subjetividades privatizadas e que buscam a produtividade econômica. Ou seja, há por parte das(os)

⁶ LE BON. *La psychologie des foules*, p. 8-9.

⁷ BAUDRILLARD. *À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*, p. 8.

⁸ CANETTI. *Massa e poder*, p. 16-7.

⁹ ALMEIDA. Para uma caracterização da Psicologia Social brasileira, p. 132-133; LANE. *Psicologia Social: o homem em movimento*, p. 11; SPINK; SPINK. *A Psicologia Social na atualidade*, p. 567.

pesquisadoras(es) latino-americanas(os) uma tentativa de rompimento com uma ciência que contribui para a manipulação e massificação da sociedade, possibilitando o surgimento de uma nova Psicologia Social.

Segundo Bock, Furtado e Teixeira,¹⁰ a Psicologia Social Crítica se mantém como área de conhecimento da Psicologia, que procura aprofundar o conhecimento da natureza social e histórica do fenômeno psíquico. Como exemplo dessa vertente na América Latina, os autores desse trabalho fazem referência à Psicologia Comunitária e à Psicologia Política.¹¹ Dentre alguns de seus aspectos principais, esses referenciais enfatizam o seu caráter libertário, a sustentação da ciência como uma prática social e com o seu potencial transformador. Além disso, propõem o rompimento com o paradigma positivista, sustentam uma concepção de homem focada numa perspectiva sócio-histórica, dialeticamente construída e em movimento, investigam uma relação entre os aspectos macro e microestruturais e constroem o diálogo multi, inter e transdisciplinar etc.¹²

Nessa direção, ao adentrar-se nessa perspectiva crítica e histórica, nos deparamos com uma visão reacionária na Europa, no século XIX, acerca dos movimentos das massas, por serem vistas como descontroladas e irracionais em Le Bon,¹³ e uma visão libertária associada à revolução do proletariado em Marx,¹⁴ considerada de resistência ao modo de subjetivação dominante.¹⁵

Sobre o estabelecimento e crise do capitalismo durante o século XIX, debate-se que o processo de instalação do sistema fabril capitalista gerou uma transformação violenta na relação do homem com o trabalho. Com o avanço das máquinas e com o aumento da produção de mercadorias nas fábricas, os lucros foram sendo ampliados. No entanto, as condições de trabalho da nova classe que surgia – o proletariado – eram as

¹⁰ BOCK; FURTADO; TEIXEIRA. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*, p. 192.

¹¹ FREITAS. Contribuições da Psicologia Social e da Psicologia Política ao desenvolvimento da Psicologia Comunitária, p. 65; MARTIN-BARÓ. *Psicologia da Libertação*, p. 197; MONTERO. *Teoría y práctica de la Psicología Comunitaria: la tensión entre comunidade y sociedade*, p. 154.

¹² BOCK; FURTADO; TEIXEIRA. *Psicologias*, p. 185; LANE. *Psicologia Social: o homem em movimento*, p. 12; SPINK; SPINK. *A Psicologia Social na atualidade*, p. 568.

¹³ LE BON. *La psychologie des foules*, p. 59.

¹⁴ MARX. *Las luchas de classes em Francia (1848-1850)*, p. 56.

¹⁵ BARROS; JOSEPHSON. *A invenção das massas: a psicologia entre o controle e a resistência*, p. 448; FARR. *As raízes da psicologia social moderna*, p. 68.

piores possíveis. Os operários começaram a se organizar para que houvesse movimentos de massas potencializadores e que resultassem em conquistas para a sua classe. Inicialmente essa reação dos trabalhadores era criminalizada e as estratégias de oposição adotadas não resolviam os problemas da dura jornada de trabalho e dos baixos salários.¹⁶

De forma oposta à potência desses movimentos operários, recorre-se a Gustave Le Bon (1841-1931),¹⁷ médico francês de formação multidisciplinar. Esse autor sustenta que independentemente das características da multidão e dos indivíduos que a compõem, só pelo fato de estarem constituindo uma multidão já é concedido ao grupo uma alma coletiva. Para Le Bon,¹⁸ um indivíduo em multidão é incapaz de raciocinar, pode perder seu posicionamento crítico e sua personalidade consciente por meio da sugestão e do contágio dos sentimentos e das ideias. “Só pelo fato de pertencer a uma multidão, o homem desce vários graus na escala da civilização. Isolado seria talvez um indivíduo culto; em multidão é um ser instintivo, por consequência, um bárbaro.”¹⁹

Ao confrontar a racionalidade do indivíduo com a irracionalidade das massas, Le Bon²⁰ ajudou a estabelecer um elo entre a Psicologia Social e a psicopatologia. Ao tomar a razão como o suporte para estabelecer a distinção entre o individual e o coletivo, produz uma primeira aproximação da psicologia em direção ao social, relacionando-o a uma dimensão patológica e “perigosa”, exigindo a intervenção de um líder para governá-la. A “contribuição” da psicologia, nesse sentido, foi de ocultar uma dimensão política dos movimentos das multidões, destacando-se unicamente sua dimensão “patológica”. Reforça-se, assim, a ideia de indivíduo em detrimento do coletivo.²¹

Dessa forma, o olhar de Le Bon²² exposto anteriormente vai totalmente contra o que a Psicologia Social Crítica se dispõe a propor por meio de um compromisso social de conscientização da sociedade, na qual a historicidade dialoga com uma crítica das relações dominantes e de transformação social e subjetiva dos grupos e dos sujeitos.

¹⁶ BARROS; JOSEPHSON. A invenção das massas, p. 446.

¹⁷ LE BON. *La psychologie des foules*, p. 10.

¹⁸ LE BON. *La psychologie des foules*, p. 17.

¹⁹ LE BON. *La psychologie des foules*, p. 14.

²⁰ LE BON. *La psychologie des foules*, p. 47.

²¹ SILVA. *A invenção da Psicologia Social*, p. 64.

²² LE BON. *La psychologie des foules*, p. 106.

Assim, ao refutar-se Le Bom,²³ apresenta-se outro posicionamento que pode se aproximar de uma compreensão avançada em relação ao fenômeno de massas atribuído às torcidas organizadas, explicado por Canetti (1905-1994),²⁴ em que todos “dançam a mesma música”, momento no qual todos se libertam de suas diferenças e experimentam-se com igualdade. Segundo Canetti,²⁵ somente na massa é possível ao homem ficar livre do temor do contato.

O autor,²⁶ citado acima, sinaliza alguns outros aspectos da massa como interesse em crescer: no seu interior predomina a igualdade, ela ama a densidade e, ainda, necessita de direção, porém com arranjos diferenciados. Esse aspecto que Canetti²⁷ aponta nos faz pensar numa não homogeneização das massas e no reconhecimento de suas singularidades. Importante refletir nesse estudo que, apesar de os movimentos de massa terem possibilitado significativos avanços para os trabalhadores no século XIX, ainda acaba permanecendo o modo indivíduo como o dominante na produção das subjetividades no contexto capitalista.²⁸

Com essas considerações acima, é possível dar relevância às forças disruptivas nessa sociedade automatizada. Tentamos, em algumas situações, realçar no cenário do futebol uma festa à parte movida pelas torcidas organizadas, pois são as massas que enfeitam o espetáculo com seu anseio em ver o time vencer.

Não há como saber antecipadamente se, quando, e de que lado será marcado um gol; e, mesmo paralelamente a esses ansiados acontecimentos principais, há diversas outras coisas que pode conduzir a ruidosas erupções... Ademais, dá-se aos perdedores a oportunidade de uma revanche, e nem tudo terminou para sempre. Nesses espetáculos, a massa pode pôr-se realmente à vontade; pode gritar de todas as maneiras, quando o momento certo se apresenta; e, mesmo estando tudo acabado, pode nutrir a esperança de, no futuro, voltar a ter oportunidades semelhantes.²⁹

²³ LE BON. *La psychologie des foules*, p. 14.

²⁴ CANETTI. *Massa e poder*, p. 12.

²⁵ CANETTI. *Massa e poder*, p. 12.

²⁶ CANETTI. *Massa e poder*, p. 28.

²⁷ CANETTI. *Massa e poder*, p. 28-9.

²⁸ BARROS; JOSEPHSON. A invenção das massas, p. 441; 445.

²⁹ CANETTI. *Massa e poder*, p. 28.

Reitera-se a partir de Barros e Josephson³⁰ a pluralidade de formas e composições que podem emergir das massas, na análise de Canetti,³¹ Reconhece-se para esses autores que elas expressam “dignidade e responsabilidade”, de forma contrária como ela pode ser vista, como selvagem e destrutiva. Então, observamos duas características que nos aproximam numa visão dialética de posições políticas e de resistências, tanto a pluralidade de formas e composições que afloram das massas, rompendo um viés homogeneizante, quanto a possibilidade de manifestação de dignidade e responsabilidade, em contraposição à visão selvagem das massas.

Infelizmente, o mais beneficiado nesse não reconhecimento da potência dos movimentos das massas é quem explora e oprime, impondo uma demonização, seja ele o patrão ou o Estado.

O fato de as massas serem vistas/pensadas naquele momento como irresponsáveis incontrolláveis, irracionais mostra seu caráter desestabilizador, irruptor. A produção dos discursos da época se encarregou de colocá-las num lugar maldito, a ser expurgado da sociedade, em benefício do bem-estar de cada um e de sua família. Ao perigo das massas serão contrapostos a tranquilidade da família e o bem-estar individual, reafirmando que na sociedade de então, pensada como igualitária, cada um deve cuidar de seu pedaço, tendo, assim, seu justo prêmio assegurado.³²

Outro autor, Baudrillard (1929-2007),³³ também discorre sobre a questão das massas em sua obra *À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*, porém com uma visão que se diferencia das demais acerca dessa temática. Esse autor³⁴ nos traz o conceito de “maioria silenciosa” como possibilidade de resistência e de conscientização perante as multidões.

Para Baudrillard,³⁵ a massa é um conjunto no vácuo de partículas individuais, de resíduos do social e impulsos diretos absorvendo toda a energia para desabar sob seu próprio peso. Ele diz que as massas não refletem o social nem se refletem no social. Pelo

³⁰ BARROS; JOSEPHSON. A invenção das massas, p. 455.

³¹ CANETTI. *Massa e poder*, p. 28-9.

³² BARROS; JOSEPHSON. A invenção das massas, p. 457.

³³ BAUDRILLARD. *À sombra das maiorias silenciosas*, p. 5-6.

³⁴ BAUDRILLARD. *À sombra das maiorias silenciosas*, p. 22.

³⁵ BAUDRILLARD. *À sombra das maiorias silenciosas*, p. 10-1.

contrário, o espelho do social que nelas se despedaça. Ou seja, o sociólogo parte da ideia de que não há social, pois este se dissipa na representação da simulação das massas. Dessa forma, só se comportam como massa aqueles que estão liberados de suas obrigações simbólicas.

Baudrillard³⁶ diz que não há significado social para dar força a um significado político. O único referente que ainda funciona é o da maioria silenciosa, através de um silêncio que proíbe a fala do seu nome, longe de ser uma forma de alienação.

Isoladas em seu silêncio, não são mais sujeitos (sobretudo não da história), elas não podem, portanto, ser faladas, articuladas, representadas, nem passar pelo “estágio do espelho” político e pelo ciclo das identificações imaginárias. Percebe-se que poder resulta disso: não sendo sujeito, elas não podem ser alienadas – nem em sua própria linguagem (elas não têm uma), nem em alguma outra que pretendesse falar por elas.³⁷

A forma que os torcedores organizados subvertem a lógica do sistema por meio do seu modo autêntico de se manifestar através das festas nas arquibancadas faz com que haja uma condição possível para uma troca simbólica, ou seja, um campo fértil para a elaboração de uma comunicação para uma maioria silenciosa.

Debatem-se os modos de resistência junto às torcidas e às ações que tentem desqualificar uma possível conscientização dessa massa. A modernização das arenas e a mercantilização do esporte podem torná-lo mais atrativo financeiramente para os clubes.

Baudrillard³⁸ cita um fato que ocorreu com o ativista político Klaus Croissant na Copa de 1998, sediada na França, na qual a televisão transmitia um jogo da França valendo uma classificação para a Copa do Mundo e, em contrapartida, pessoas se manifestavam diante de Santé na noite de extradição de Klaus Croissant.

Quando a França ganhou, explosão de alegria popular. Horror e indignação dos espíritos esclarecidos diante dessa escandalosa indiferença. Le Monde: “21 horas. Nesta hora o advogado alemão já foi retirado da prisão de Santé. Daqui a pouco Rocheteau vai marcar o primeiro gol”. Melodrama da indignação. Nenhuma única interrogação sobre o mistério dessa indiferença.

³⁶ BAUDRILLARD. *À sombra das maiorias silenciosas*, p. 22.

³⁷ BAUDRILLARD. *À sombra das maiorias silenciosas*, p. 23.

³⁸ BAUDRILLARD. *À sombra das maiorias silenciosas*, p. 16.

Uma única razão sempre invocada: a manipulação das massas pelo poder, sua mistificação pelo futebol.³⁹

Em outra direção, o escritor Eduardo Galeano,⁴⁰ em seu livro *Futebol ao Sol e à Sombra*, faz uma menção a um fato ocorrido na Argentina na sua poesia “O ópio dos povos”. Muitos intelectuais de esquerda sempre se colocaram contra o futebol, com a opinião de que há um desvio de sua energia revolucionária, tratando dessa forma o esporte do povo como Pão e Circo.

No entanto, um fato interessante que ocorreu com o clube Argentinos Juniors enfatiza que futebol não se trata apenas de alienação. Longe disso, futebol também é uma grande arma política para conscientização das classes.

(...) o time Argentinos Juniors nasceu chamando-se Clube Mártires de Chicago, em homenagem aos operários anarquistas enforcados num primeiro de maio, e foi um primeiro de maio o dia escolhido para fundar o clube Chacarita, batizado numa biblioteca anarquista de Buenos Aires. Naqueles primeiros anos do século, não faltaram intelectuais de esquerda que celebraram o futebol, em vez de repudiá-lo como anestesia da consciência. Entre eles, o marxista italiano Antônio Gramsci, que elogiou “este reino da lealdade humana exercida ao ar livre”.⁴¹

Deste modo, podemos enxergar que o futebol junto às torcidas pode ser um instrumento importante para se pensar novas formas de resistência rompendo com a lógica dominante e individualizante que vigora no sistema capitalista. Fazendo uma analogia com o que aconteceu em Roma no início do primeiro milênio, as torcidas organizadas têm um papel fundamental para que o espetáculo do futebol não se torne um “Pão e Circo”, como foi na Itália no passado.

Segundo o historiador Funari,⁴² a expressão “Pão e Circo” foi criada pelo poeta satírico Juvenal em alusão à política implementada pelos Césares. Naquela época, havia distribuição de trigo, o “Pão”, e espetáculos públicos oficiais, o “Circo” para evitar que a plebe romana se rebelasse contra o poder.

³⁹ BAUDRILLARD. *À sombra das maiorias silenciosas*, p. 16.

⁴⁰ GALEANO. *Futebol ao sol e à sombra*, p. 51.

⁴¹ GALEANO. *Futebol ao sol e à sombra*, p. 52.

⁴² FUNARI. *Grécia e Roma*, p. 114.

OS GAVIÕES DA FIEL E A RESISTÊNCIA DAS TORCIDAS ORGANIZADAS

Como já mencionado, o nascimento das torcidas organizadas na época da opressão do regime militar instaurado em 1964, demonstra o quão político é o seu surgimento no Brasil. Segundo Teixeira,⁴³ houve um movimento jovem nos anos setenta contra a ditadura e a sua luta diante da repressão fez criar um espírito diferente nas arquibancadas dos estádios. Isso fez com que as torcidas começassem a se posicionar mais firmemente, protestando diante das diversas dificuldades do time.

As arquibancadas movidas por esse espírito vivido fazem uma conexão com o conceito de massa apresentado por Canetti⁴⁴ em que todos caminham na direção de fortalecer todo o sentimento provocado pelo clube do coração e enaltecer uma vontade de se posicionar junto aos seus semelhantes da torcida.

Esse novo modo de torcer fez com que esse amor pelo clube fosse potencializado através das festas promovidas pelas torcidas. Porém, por contestarmos a homogeneização das torcidas e reconhecermos uma pluralidade de vozes, temos o cuidado em não cairmos num lugar romantizado sobre elas e, também, não esquecendo que o modo indivíduo age como força que insiste em estar presente nas massas.

Outro ponto importante é que as torcidas organizadas em situações de potência representam as vozes de uma pluralidade de torcedores nos momentos de diálogo com a diretoria do clube, fazendo com que a participação política na vida do time possa existir, porém com tensões e forças antagônicas.

Reitera-se que em momentos de inventividade os Gaviões da Fiel tiveram um posicionamento político firme ao longo da sua trajetória. No final da década de setenta, numa partida contra o Santos, os Gaviões da Fiel estenderam uma faixa pedindo “Anistia ampla, geral e irrestrita”,⁴⁵ lutando pela liberdade dos presos políticos e a volta dos exilados.

⁴³ TEIXEIRA. *Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas*, p. 51-2.

⁴⁴ CANETTI. *Massa e poder*, p. 14.

⁴⁵ CARA; STRINI. Futebol também foi arma para lutar contra a ditadura, online.

Depois de seis meses do ato feito pelos Gaviões da Fiel, a Lei de Anistia foi aprovada pelo ex-presidente Figueiredo. Porém, os crimes cometidos durante o período militar contra os opositores também foram anistiados. Desse modo, os torturadores se isentaram através dessa lei brasileira.



Figura 1. Corinthians 1x1 Santos, fevereiro de 1979 – Gaviões da Fiel levanta a faixa “Anistia ampla, geral e irrestrita”.⁴⁶

Apesar disso, é importante ressaltar a importância da militância dentro da torcida para reivindicar a Lei da Anistia no país.

Futebol não é alienação, ao contrário. Ele mobiliza, ele reúne, ele é meio para que as pessoas se organizem e sintam sua força enquanto coletividade. Não terá sido por acaso, (...) que a primeira faixa pela Anistia no Brasil a aparecer para um grande público tenha sido desfraldada exatamente no meio da torcida corintiana, numa partida contra o Santos, no Morumbi, com mais de 110 mil pessoas, no dia 11 de fevereiro de 1979.⁴⁷

Além da luta política dos Gaviões da Fiel, o Corinthians – clube que inspira a agremiação dos Gaviões – também teve uma participação essencial no confronto contra o regime militar. Em 1982, um movimento liderado por seus ex-jogadores Sócrates, Casagrande e Wladimir surgiu para abalar a estrutura da ditadura instaurada no Brasil.

⁴⁶ CARA; STRINI. Futebol também foi arma para lutar contra a ditadura, online.

⁴⁷ KFOURI. *A emoção Corinthians*, p. 36.

Dentro do clube, todas as decisões eram tomadas democraticamente através do voto, o que demonstrava uma clara oposição ao regime da época. No campo essa atitude promoveu efeitos positivos e o Corinthians consagrando-se bicampeão paulista nos anos de 1982 e 1983. O movimento da Democracia Corinthiana acabou em 1984, mas ficou na memória dos brasileiros por ser um expressivo movimento libertário da história do futebol, além de ter sido fundamental para a conquista da Democracia no país.

Além disso, um contraponto relevante em relação aos relatos de confusão das torcidas organizadas é a participação dos Gaviões da Fiel no Carnaval de São Paulo, desde 1976, sendo campeã quatro vezes do grupo especial (1995, 1999, 2002, 2003). Esse fato enfatiza a contribuição das torcidas organizadas para além da esfera do esporte, trazendo à tona a questão cultural envolvida na construção de toda a festa promovida por essas instituições.⁴⁸

Recentemente, outro acontecimento importante de resistência dentro dos Gaviões foi sobre um escândalo que ocorreu em São Paulo. Em 2016, os Gaviões da Fiel fizeram atos e entoaram o cântico “Eu não roubo merenda, eu não sou deputado. Trabalho todo dia, não roubo meu Estado”, protestando contra o deputado Fernando Capez (PSDB) que participava do escândalo da merenda.

Além do que, houve manifestações por parte da torcida contra as proibições impostas pela Federação Paulista de Futebol, na qual a punição foi feita pelo fato de a torcida ter acendido sinalizadores numa partida contra o Flamengo pela Copa São Paulo.

Na nota,⁴⁹ os Gaviões afirmam que: “O que há de pior para o futebol são os escândalos de corrupção, o valor abusivo dos ingressos, os esquemas de empresários, a mercantilização da paixão, a elitização e embranquecimento das arquibancadas. Não as faixas, bandeiras, instrumentos, cânticos e muito menos a pirotecnia”.⁵⁰

Observa-se que essa movimentação dos Gaviões dialoga diretamente com a proposta da Psicologia Social, pois há uma disposição em se trabalhar em prol de uma conscientização da sociedade, firma-se o seu compromisso social de mobilização com a

⁴⁸ HOLLANDA; QUEVEDO. *Torcidas organizadas e escolas de samba (I): os Gaviões da Fiel*.

⁴⁹ BRASIL DE FATO. Gaviões da Fiel protesta contra escândalo da merenda, online.

⁵⁰ BRASIL DE FATO. Gaviões da Fiel protesta contra escândalo da merenda, online.

população através dos questionamentos às relações dominantes, às capturas pela lógica da elitização,⁵¹ como exposto acima por essa torcida.

Sendo assim, existe um diálogo com o conceito de “maioria silenciosa” trazida por Baudrillard,⁵² na qual simbolicamente não se tem mais sujeitos, se tem resistência, e, sendo assim, existem brechas para possibilidade de conscientização, apesar de todas as contradições decorrentes da dialética entre o sujeito e o mundo social na conjuntura do capitalismo.

Num passado recente, toda essa movimentação política nos Gaviões fez com que a entidade se manifestasse novamente nas eleições de 2018, dessa vez contra o candidato a presidência Jair Messias Bolsonaro. Em uma nota oficial⁵³ publicada no próprio site dos Gaviões da Fiel, se referindo a uma homenagem feita em 2016, pelo ex-deputado Jair Bolsonaro ao torturador Ustra em uma votação na Câmara dos Deputados, eles reiteraram que “[...] é importante deixar claro a incoerência que há em um Gavião apoiar um candidato que, não apenas é favorável à Ditadura Militar pelo qual nascemos nos opondo, mas ainda elogia e homenageia publicamente torturadores que facilmente poderiam ter sido os algozes de nossos fundadores”.⁵⁴

É evidente o engajamento político que emerge da relevante torcida organizada do país que representa o Sport Club Corinthians Paulista e espanta-se com a forma que vários setores do poder público lidam com os torcedores organizados que estão envolvidos em brigas.

Murad⁵⁵ explica que as práticas de violências em nosso futebol e as mortes de torcedores são operadas por minorias, representando apenas entre 5% e 7% dos torcedores organizados. Segundo Pimenta,⁵⁶ a violência nas torcidas organizadas não está disjunta da realidade social, visto que é parte da dimensão real do cotidiano dos grandes centros urbanos brasileiros. Essa reflexão dialoga diretamente com a ideia de

⁵¹ LOPES; HOLLANDA. “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo, p. 208-9.

⁵² BAUDRILLARD. *À sombra das maiorias silenciosas*, p. 19.

⁵³ GAVIÕES DA FIEL. Nota oficial: posição dos Gaviões da Fiel sobre candidato antidemocrático, online.

⁵⁴ GAVIÕES DA FIEL. Nota oficial: posição dos Gaviões da Fiel sobre candidato antidemocrático, online.

⁵⁵ MURAD. Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro, p. 147.

⁵⁶ PIMENTA. Torcidas organizadas de futebol. Identidade e identificações, dimensões cotidianas, p. 47.

que estigmatizar não é o caminho para conter a violência, seja nas torcidas organizadas ou nos diversos espaços dos centros urbanos – onde majoritariamente estes torcedores estão inseridos.

Já Hollanda e Teixeira⁵⁷ dizem que “depois da condenação moral por parte dos meios de comunicação de massa, uma espécie de cruzada contra as torcidas organizadas se coloca na agenda desde 1995, com a conhecida ‘batalha campal do estádio Pacaembu’”. Esses autores comentam que

[...] os últimos vinte anos têm assistido assim à intensificação do cerco punitivo aos agrupamentos de torcedores. Nesse intervalo de duas décadas, iniciativas do Ministério Público vêm procurando lidar com a situação por meio de medidas de interdição jurídica e por intermédio de atos de extinção legal das entidades torcedoras.

É válido ressaltar que alguns atores em geral analisam as brigas nas torcidas a partir da visão trazida por Le Bon,⁵⁸ pois para esse autor, quando o indivíduo faz parte da massa ele perde a sua singularidade e se torna sugestível. Nessa direção, para se tentar conter as brigas entre torcedores organizados, o Estado responde com um posicionamento uniformizador, sem reconhecimento às diferenças e com inúmeras proibições às torcidas.

Numa outra nota oficial,⁵⁹ lançada em abril de 2016, respondendo a uma medida que proibia a entrada de adereços das organizadas e uma outra medida, que perdura até os dias atuais, determina a presença de torcida única nos estádios em São Paulo, os Gaviões fazem o seguinte apelo:

Generalizar o problema da violência apenas com a proibição das organizadas em estádios paulistas trata-se não apenas de punir quem nada fez, mas deixar de punir quem de fato tenha cometido atos violentos. A falta de punições individuais, investigações inteligentes, identificações nos estádios, e várias outras medidas, são o que de fato estimulam torcedores mal-intencionados. Tais medidas não apenas são ignorantes e sem qualquer eficácia prática, como tem um total apelo midiático, buscando dar uma resposta bem rasa a

⁵⁷ HOLLANDA; TEIXEIRA. Associativismo juvenil e mediação política: as torcidas organizadas de futebol no Brasil e a construção de suas arenas públicas através da FTORJ e ANATORJ, p. 262.

⁵⁸ LE BON. La psychologie des foules, p. 13.

⁵⁹ GAVIÕES DA FIEL. Nota oficial: medidas tomadas após o clássico, online.

uma opinião pública influenciada por distorções e manipulações por parte de uma grande mídia que, conforme é de conhecimento geral, defende seus interesses próprios.⁶⁰

Assim, no texto acima, os Gaviões denunciam o poder público⁶¹ e ressalta-se a construção em conjunto de medidas que sejam benéficas tanto para segurança nos estádios como para a festa nas arquibancadas.

Em um estudo elaborado pelos autores Hollanda e Teixeira⁶² elucida-se a união de “seis lideranças de torcidas da cidade do Rio de Janeiro, responsáveis pela criação de uma entidade em âmbito estadual, a FTORJ, a Federação de Torcidas Organizadas do Rio.” Essa junção traz luz a uma mudança diante de tantas adversidades enfrentadas pelas torcidas organizadas. É importante reafirmar que algumas dessas dificuldades advêm dos conflitos causados por seus próprios integrantes, pois, observa-se uma pluralidade de composições existentes nos movimentos de massa, imersas no cenário capitalista.

Rememora-se que na eleição de 2018, o senador Major Olímpio – candidato pelo PSL – se elegeu recebendo mais de nove milhões de votos em São Paulo. Ele coordenou a campanha do Jair Bolsonaro e é autor do Projeto de Lei nº 1.587-A/2015⁶³ que visa extinguir as torcidas organizadas. No estilo de Le Bom,⁶⁴ este grupo representa o que há de mais conservador na política brasileira, na qual as torcidas organizadas correm o risco não somente de serem ainda mais marginalizadas, acabando por extinguirem-se. Atitudes como essas silenciam as vozes das torcidas organizadas num teor fascista que põe em risco o Estado Social Democrático de Direito.

Como vimos, da mesma forma que houve inúmeras mudanças de estratégias e reflexões acerca das mobilizações dos operários no início do século XIX, as torcidas também precisam criar estratégias de conter os associados quando brigam. Mesmo que esses torcedores não representem o que são de fato as torcidas organizadas e a festa promovida por elas nos estádios, esse ponto é um disparador para uma parcela

⁶⁰ GAVIÕES DA FIEL. Nota oficial: medidas tomadas após o clássico, online.

⁶¹ LOPES; HOLLANDA. “Ódio eterno ao futebol moderno”, p. 221.

⁶² HOLLANDA; TEIXEIRA. Associativismo juvenil e mediação política, p. 262.

⁶³ BRASIL. Projeto de Lei nº 1.587/2015-A, p. 2.

⁶⁴ LE BON. La psychologie des foules, p. 65.

conservadora dos meios de comunicação e do senso comum destilar a estigmatização frente ao torcedor organizado.

O futebol não tem mais espaço para posicionamentos proibicionistas e segregacionistas e o público não pode ser prejudicado pelo vandalismo imposto por alguns torcedores. A política de torcida única em São Paulo é um absurdo e só atesta a derrota das autoridades para lidar com o assunto, assim como a proibição de pirotecnia e bandeiras de mastros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso do presente trabalho busca-se traçar um paralelo entre os Gaviões da Fiel ao longo de sua história e as contribuições da Psicologia Social Crítica, trazendo autores que analisam as massas com visões opostas, controle e resistência. A partir disso, discorre-se sobre alguns atravessamentos que guiaram os Gaviões da Fiel durante os seus cinquenta anos de existência defendendo as cores do seu time, o Sport Club Corinthians Paulista.

Os autores deste artigo entendem as diferentes formas de se enxergar o fenômeno das massas e apresentam algumas reflexões para uma análise mais ampla das relações dos Gaviões da Fiel em sua história, tendo em vista suas resistências e paradoxos. Baudrillard⁶⁵ e Canetti⁶⁶ estão mais próximos a resistência como forma de atuação das massas, a compreensão da força vibrante das torcidas organizadas e o modo transformador como elas estão inseridas na sociedade como um todo.

Le Bon⁶⁷ traz na sua crítica às massas uma visão conservadora, pois o indivíduo na multidão perde a consciência de seus atos. Diferente desse autor, Canetti⁶⁸ defende a possibilidade da perda do medo do contato e da possibilidade da liberdade

⁶⁵ BAUDRILLARD. *À sombra das maiorias silenciosas*, p. 18.

⁶⁶ CANETTI. *Massa e poder*, p. 13-4.

⁶⁷ LE BON. *La psychologie des foules*, p. 12.

⁶⁸ CANETTI. *Massa e poder*, p. 14.

proporcionada pelas massas, e Baudrillard⁶⁹ enxerga na autenticidade o posicionamento de uma “maioria silenciosa”.

Essas duas perspectivas apresentadas pautadas na resistência dialogam diretamente com a história de luta dos Gaviões da Fiel desde seu surgimento. No início, os Gaviões nasceram numa época conturbada em que o Brasil vivenciava o regime militar. A partir daí, a torcida que se organizou contra o regime, pôde se estabelecer com o ideal de apoiar o seu time, fiscalizar o clube e lutar por reivindicações que conversavam com as pautas defendidas ao longo dos seus cinquenta anos. Essa mobilização dos Gaviões da Fiel deve ser pesquisada a partir de uma pluralidade de posicionamentos e contradições que se formam no contexto capitalista e constata-se a complexidade de suas composições em seu percurso.

Foram discutidas ao longo desse trabalho as formas de atuação dos Gaviões da Fiel se colocando contra as proibições impostas pela Federação Paulista e, também, dos escândalos de corrupção – como o da merenda em São Paulo, por exemplo –, contestando o atual presidente Jair Bolsonaro e medidas que visam acabar não só com a festa, mas com as próprias torcidas organizadas. Por meio de manifestações e notas oficiais publicadas em seu site oficial, os Gaviões da Fiel tentaram se posicionar diante dessas questões apresentadas.

Os autores desse estudo apostam na criação de um diálogo mais eficaz entre os diversos participantes das torcidas organizadas tendo em vista as suas tensões e conflitos e propõem dar visibilidade as distintas alternativas diante de uma diversidade de vozes existentes nos estádios.

A leitura da Psicologia Social Crítica procura alcançar um compromisso com a conscientização da sociedade, com a pluralidade de ideias dos cidadãos e leva em conta a subjetivação dos indivíduos e dos grupos. Essa posição é necessária para romper com a lógica proibicionista e homogeneizadora de muitas autoridades públicas.

⁶⁹ BAUDRILLARD. *À sombra das maiorias silenciosas*, p. 23.

Como possibilidade, dentro do que foi refletido durante este estudo, Hollanda e Teixeira⁷⁰ discorrem sobre a FTORJ – Federação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro –, que nasce em um momento crítico das associações de torcedores da cidade, pois diante do recrudescimento de uma onda de conflitos e mortes entre os membros dos grupos rivais, tal federação expressa uma alternativa “a contrapelo da monotemática da violência na pauta cotidiana da mídia, um panorama da cooperação futebolística”.

Essa cooperação entre as torcidas organizadas fortalece posições emancipatórias e potencializam forças disruptivas nesse contexto que apostem numa multiplicidade de vozes e que contestem posições romantizadas ou fatalistas sobre as torcidas organizadas. Assim, podemos reconhecer e contestar os atos de violência cometidos por alguns torcedores, apostar nas singularidades dos movimentos de massa e definitivamente, afastar-se de uma visão de controle sustentada por Le Bom.⁷¹

* * *

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Leonardo Pinto de. Para uma caracterização da Psicologia Social brasileira. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 32, n. spe, p. 124-37, 2012.
- BARROS, Regina D. Benevides de; JOSEPHSON, Silvia Carvalho. A invenção das massas: a psicologia entre o controle e a resistência. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur A. Leal; PORTUGAL, Francisco Teixeira. (Orgs.). **História da psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2007, p. 441-62.
- BAUDRILLARD, Jean. **À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas**. Tradução: Suely Bastos. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de L. Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.
- BRASIL. **Projeto de lei nº. 1.587-A**. Câmara dos Deputados, Poder Legislativo. Brasília, DF: 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3UvByHq>. Acesso em: 16 jun. 2019.

⁷⁰ HOLLANDA & TEIXEIRA. Associativismo juvenil e mediação política, p. 262-3.

⁷¹ LE BON. La psychologie des foules, p. 59.

CANETTI, Elias. **Massa e poder**. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARA, Thiago; STRINI, Antônio. Futebol também foi arma para lutar contra a ditadura. **ESPN**, 01 abr. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3LG19ta>. Acesso em: 16 jun. 2019.

DIAFÉRIA, Lourenço. **Coração Corinthiano**: grandes clubes do Futebol Brasileiro e seus maiores ídolos – v. 2. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1992.

FARR, Robert. **As raízes da moderna psicologia social**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

FREITAS, Maria de Fátima Quintal de. Contribuições da Psicologia Social e da Psicologia Política ao desenvolvimento da Psicologia Comunitária. In: **Revista Psicologia e Sociedade**. São Paulo: ABRAPSO, v. 8, n. 1, 1996, p. 63-82.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Grécia e Roma**. São Paulo: Contexto, 2011.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao Sol e à Sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

GAVIÕES da Fiel protesta contra escândalo da merenda. **Brasil de Fato**. Belo Horizonte, 05 fev. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3RiOlop>. Acesso em: 16 jun. 2019.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**. Cartografias do Desejo. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; QUEVEDO, Luigi Bisso. Torcidas organizadas e escolas de samba (I): os Gaviões da Fiel. **Ludopédio**, São Paulo, v. 115, n. 9, 2019.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Associativismo juvenil e mediação política: as torcidas organizadas de futebol no Brasil e a construção de suas arenas públicas através da FTORJ e ANATORG. In: **Antropolítica**. Niterói, n. 42, 2017, p. 236-64.

KFOURI, Juca. **A emoção Corinthians**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1983.

LANE, Silvia. **Psicologia Social**: o homem em movimento. São Paulo, SP: Brasiliense, 1984.

LE BON, Gustave. La psychologie des foules. Paris, França PUF, 1983 (1895). In: **Psicologia das multidões**. Tradução: Ivone Moura Delraux. Coleção Pensadores. Lisboa, Portugal: Edições Roger Delraux, 1980.

OPES, Felipe Tavares Paes; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. **Tempo**, Niterói, 2018, v. 24, n. 2, p. 206-32.

MARTIN-BARÓ, Ignacio. **Psicologia da Libertação**. Tradução: Fernando Lacerda. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MARX, Karl. Las luchas de classes em Francia (1848-1850). Madrid: Ayuso. In: SILVA, Rosana Neves da, **A invenção da Psicologia Social**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.

MONTERO, Maritza. **Teoria y práctica de la Psicología Comunitária**: la tensión entre comunidade y sociedade. Buenos Aires: Paidós, 2003.

MURAD, Mauricio. Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro. In: **Revista USP**. São Paulo, n. 99, 2013, p. 139-252.

NOTA Oficial: medidas tomadas após o clássico. **Gaviões da Fiel**, São Paulo, SP, 05 abr. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3r3dRs8>. Acesso em: 16 jun. 2019.

NOTA Oficial: posição dos Gaviões da Fiel sobre candidato antidemocrático. **Gaviões da Fiel**, São Paulo, 20 set. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3xDN3mf>. Acesso em: 16 jun. 2019.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Torcidas organizadas de futebol. Identidade e identificações, dimensões cotidianas. In: **Futbologías. Fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2003, p. 39-55, 2003.

SILVA, Rosane Neves da. **A invenção da Psicologia Social**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.

SPINK, Mary Jane; SPINK, Peter. A Psicologia Social na atualidade. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur A. Leal; PORTUGAL, Francisco T. (Orgs.). **História da psicologia**: rumos e percursos. Rio de Janeiro/RJ: Nau Editora, 2007, p. 565-585.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão**: visitando jovens torcidas cariocas. São Paulo, SP: Annabulme, 2003.

TORO, Camilo Aguilera. **O espectador como espetáculo**: notícias das torcidas organizadas na Folha de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Unicamp, Campinas/SP, 2004.

* * *

Recebido em: 8 de outubro de 2021
Aprovado em: 2 de março de 2022